



DIÁLOGOS COM A JUVENTUDE E GRUPO DE MULHERES: APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Nuncia Gabriele Guimarães Escobar¹
Letícia Machado Spinelli²

Introdução: a experiência

Há uma vasta diferença entre ser favorável diante uma causa e lutar por ela. Sempre me mantive distante e pouco ativa nos movimentos sociais e muito focada em minha bagagem teórica, pensava que haviam pessoas o suficiente combatendo a realidade perversa (inclusive por mim). Como mulher, negra e feminista, sempre tive consciência da importância da minha formação, porém existem diversos meios significativos para difundir um conhecimento e propiciar um debate, um universo de possibilidades dentro e fora da academia que provocam mudanças fazendo com que certa motivação social chegue em diversas camadas da sociedade, principalmente nas classes populares.

Infelizmente, descobri esse caminho de um modo cruel: o maior ataque racista que sofri na minha vida até o momento, meu nome junto com os de mais dois colegas (outra mulher envolvida) rabiscado nas paredes do diretório acadêmico do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria em meio frases racistas e referências ao nazismo. Momento complicado que me fez refletir profundamente e analisar não como uma ofensa pessoal, individualizando-o, mas enxergando para além do acontecimento, fazendo dele um fato sociológico. Interiorizada dessa maneira, a experiência me conduziu a uma análise teórica mais profunda.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, E-mail: nunciag97@gmail.com

² Dra. em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na modalidade de estágio pós-doutoral (PNPD-CAPES). e-mail: leticiamspinelli@gmail.com

Entendimento: O Feminismo Negro enquanto marco teórico

Os questionamentos acerca das relações de gênero e do tratamento dado as atitudes de cunho machista e/ou racistas afloraram. Volto-me a história do Movimento Feminista para resgatar que durante muito tempo a causa era destinada a um grupo seletivo de mulheres, sendo elas em sua maioria brancas, de classe média/alta e universitárias. Hooks observa de modo contundente, mas veraz, que “o feminismo não surgiu das mulheres que são mais vitimizadas pela opressão machista, das mulheres agredidas todos os dias, mental, física e espiritualmente – as que são impotentes para mudar sua condição na vida. Estas são a maioria silenciosa.” (HOOKS, 2015, p. 193). Muitas das questões incluídas na solicitação por direitos das feministas não abrangiam a realidade de todas as mulheres (sendo excluídas, sobretudo, as não brancas), logo, o movimento tinha classe e cor predestinadas.

As mulheres negras têm, portanto, uma luta diferente, ainda buscamos nos libertar dos resquícios da escravidão. Segundo Angela Davis, “o que diferenciava essas mulheres das líderes das agremiações brancas era a sua consciência sobre a necessidade de contestar o racismo” (2016, p. 135). Mulheres negras ao longo da vida, destinam-se a ultrapassar barreiras de dois tipos de opressões: as vinculadas ao gênero e sobre questões étnico-raciais. A prática feminista é fundamental, uma vez que a expectativa de gênero limita e prescreve como devemos ser e agir, logo é necessário um debate e enfrentamento à raiz cultural do problema (ADICHIE, 2015). O feminismo, por si só, não abarca a vivência de mulheres não brancas, precisando estar articulado numa luta contra o racismo e quanto à visão hegemônica e essencialista da mulher. Essa reflexão teórica contextualizada numa vivência íntima tão forte gerou o engajamento.

Ação

Junto ao Coletivo Feminista que faço parte, organizei três ciclos de debates com mulheres. Não tinha um grupo específico em questão, era aberto para todas que pudessem participar. Cidade da fronteira, interior do Rio Grande do Sul, o espaço: a Biblioteca Pública Municipal de Alegrete, visto como um dos municípios mais tradicionalistas/conversadores da região. As temáticas seriam acerca dos tipos de violências vivenciadas pelas mulheres, vertentes do feminismo, gênero, raça e sexualidade. A divulgação teve efeito atípico: tivemos no público um grupo diversificado, composto por mulheres trabalhadoras, militantes,

evangélicas, jovens estudantes do ensino médio, mães, acadêmicas, donas de casa, aposentadas, enfim uma diversidade de perfis, mentalidades e vivências. Cada uma com sua história, as quais apontavam para estruturas sociais sexistas, classistas e racistas transpassadas e sobrepostas. A interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlée Crenshaw, no sentido de apontar que “na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos”, foi de alguma maneira “materializada” nesses encontros (2002, p. 10).

Foram espaços de muita troca e aprendizado, tardes inteiras que passavam muito rápido. Várias gerações que trazem diferentes olhares de diferentes mulheres, reconhecendo seus privilégios e conhecendo novos estilos de vida. Três encontros apenas: todos passavam do horário marcado para o fim, todos propiciaram uma reflexão diferente. Foi a primeira vez que me permiti falar sobre esses assuntos com um grande grupo fora do ambiente acadêmico. E foi uma experiência muito valorativa, foram encontros informais que com certeza não cabem no "Lattes", mas transbordam para a vida.

Passada essa experiência, busquei fazer algo parecido com um grupo de adolescentes participantes do Programa Nacional de Inclusão de Jovens: ProJovem Adolescente. Os pertencentes ao grupo em questão são jovens em situação de vulnerabilidade social (selecionados dentre as famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família e inscritos no Cadastro Único, podendo ser encaminhados pela Centro de Referência Especializado de Assistência Social -CREAS, Conselho Tutelar ou Ministério Público), entre eles, egressos ou sob medida de proteção, sob medida socioeducativa em meio aberto, egressos dessas medidas de intervenção ou semiliberdade e egressos do Programa de Enfrentamento ao Abuso e à Exploração Sexual. Foram três encontros imersa na busca da sensibilização acerca das temáticas racial/étnica e seus desdobramentos, propiciando espaços de livres debates com viés educativo, informativo e cultural.

Considerações finais

Em vista dos aspectos aqui mencionados creio que a experiência inicial foi determinante para que a ação se concretizasse. Uma vez que existe uma cultura machista e racista que se reproduz facilmente através das falas enraizadas e ditados populares oriundos do senso comum e que é fortalecida nesses tempos de crescente onda conservadora, podemos observar pessoas argumentando contra seu próprio grupo identitário e isso nem sempre é má fé, pode ser falta de acesso à conhecimento. Infelizmente as informações de fontes pouco confiáveis reproduzidas de forma rápida e fácil, convencem. As pessoas destilam

preconceitos e discurso de ódio como forma de opinião e alegam liberdade de expressão, esses atos sequenciais que impulsionaram o estudo e uma prática mais desenvolvida sobre o tema, destacando sobretudo a importância resultante dessas discussões em espaços não escolares e espaços não acadêmicos que geralmente são os ambientes que mais necessitam destes tipos de diálogos.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todas Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**.

Cruzamento: raça e gênero. Brasília, UNIFEM, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 16, jan./abr. 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira